

UNIVERSIDADE FEDERAL DE JUIZ DE FORA  
FACULDADE DE EDUCAÇÃO  
CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO MÍDIAS NA EDUCAÇÃO

**SÔNIA DE FÁTIMA MACHADO SILVA**

**MÍDIA E POESIA: TRILHANDO CAMINHOS PEDAGÓGICOS**

JUIZ DE FORA  
2018

**SÔNIA DE FÁTIMA MACHADO SILVA**

**MÍDIA E POESIA: TRILHANDO CAMINHOS PEDAGÓGICOS**

Relatório apresentado como requisito parcial para aprovação no Curso de Especialização Mídias na Educação, da Faculdade de Educação, Universidade Federal de Juiz de Fora.

Orientador (a): Prof (a). Dr (a). Cristiano Rodrigues

JUIZ DE FORA  
2018

**SÔNIA DE FÁTIMA MACHADO SILVA**

**MÍDIA E POESIA: TRILHANDO CAMINHOS PEDAGÓGICOS**

Relatório apresentado como requisito parcial para aprovação no Curso de Especialização Mídias na Educação, da Faculdade de Educação, Universidade Federal de Juiz de Fora.

Aprovada em:

**BANCA EXAMINADORA**

\_\_\_\_\_  
Prof (a). Dr (a). orientador (a) Cristiano Rodrigues

\_\_\_\_\_  
Prof (a). Tutor Me.orientador (a) Anderson dos Santos Romualdo

\_\_\_\_\_  
Membro da banca

\_\_\_\_\_  
Membro da banca

## **AGRADECIMENTOS**

Quero reafirmar aqui nesse trabalho o que afirmei há quase oito anos em minha graduação em Pedagogia também pela UAB/UFJF:

qualquer trabalho realizado não se confina nos recônditos do individualismo, antes, envolve outras pessoas que de alguma forma contribuem ainda que de forma implícita. Desse modo, qualquer trabalho antes de ser individual ou solitário, torna-se coletivo e solidário o que implica em muitos agradecimentos” SILVA (2011, p.5).

Sendo assim, tenho muitos agradecimentos a fazer, mas agradeço especialmente ao Prof. Dr. Cristiano Rodrigues, a quem admiro desde a disciplina de “Cinema, Vídeo, áudio e Documentário” e que, de forma objetiva e competente orientou-me na conclusão desse trabalho; ao Prof. Me. Anderson Romualdo, competente e flexível, sem deixar, contudo, a autoridade, foi nos guiando pelas veredas midiáticas desse curso e, sobretudo, na criação do site e dos produtos descritos nesse trabalho. A eles registro minha admiração e respeito.

Aos meus colegas, parceiros desse curso à distância, mas presentes sempre e com os quais aprendi através de debates e discussões.

Ao meu esposo Narcísio, que de alguma forma, se fez solidário nesse trabalho. Em alguns momentos, vítima de minhas ausências exigidas pelas inúmeras atividades. Em outros, cúmplice, pois era a ele que eu compartilhava todo o processo de minhas criações, sendo, inclusive personagem de minhas narrativas, destacando o clipe no vídeo aqui descrito, onde atuou em um poema audiovisual, sem se importar com a crítica ao seu vício ao tabaco.

A toda a minha família, agradeço as palavras de coragem em momentos de desânimo e cansaço e, especialmente à minha irmã Suelene, parceira também em um poema audiovisual no vídeo, onde expõe sua paixão ao café.

A todas essas pessoas e outras que não citei, digo que essa conquista eu devo também a elas, pois como disse antes, nenhum trabalho é solitário e muito menos os resultados. Entretanto, ainda que eu, às vezes me sentisse só ou frágil, um Ser invisível sempre esteve comigo dando-me toda a força e coragem. É a esse Ser que agradeço acima de tudo. Sim, falo de Deus, a quem me falta palavras para agradecer tudo. Mas Ele sabe...

Dedico especialmente esse trabalho a minha mãe Tereza (In Memoriam), apesar de que, no percurso dessa pós-graduação ela estava praticamente em coma, vítima de um Glioblastoma multiforme<sup>1</sup> e não pode ver minhas lutas e vitórias. Dormiu quase seis meses enquanto eu sofria a iminência de sua partida e, mesmo assim, não desisti de meu curso, embora tenha pensado nisso muitas vezes, em razão do tempo para cuidar dela e da falta de ânimo. Mas como ela sempre fora, eu também queria ser, uma mulher forte que luta sempre e nunca desiste. Então é a ela que dedico esse trabalho, pois foi ela –mulher e mãe especial- o espelho no qual sempre mirei. Saudades eternas minha flor e rainha...



---

<sup>1</sup> Glioblastoma multiforme: tipo mais comum e agressivo de tumor maligno cerebral que acomete os seres humanos.

*Estamos na idade média, com cabeças de idade média. Somos uma geração medieval.*

Demétrio Sena - Magé-RJ.

## INTRODUÇÃO

A poesia é uma arte que me encantou desde a infância quando tive a oportunidade de ter em mãos o livro “As mais belas poesias” de Niza Carvalho nas aulas de literatura e me apaixonei por Cecília Meirelles e Olavo Bilac. Esses poetas foram meus primeiros inspiradores na arte de escrever poemas que só se consolidou em 2005, especialmente em razão da relação mídia e poesia. Foi um tempo em que tive mais contato com computadores e Internet e passei a escrever mais poesias e publicar em blogs e sites específicos como o [Recanto das Letras](#). Inclusive publiquei alguns livros de poesias na Editora online [Clube de Autores](#).

Nas pesquisas para esse trabalho, descobri que escrever poesia na realidade contemporânea, significa aos poetas, como enfatiza Tosin (2014), o uso das mídias eletrônicas e que o uso destas está modificando tanto as formas de representação estética da poesia, quanto nas possibilidades de armazenamento. Resumindo,

as possibilidades de operar um signo virtual num meio informático são um grande atrativo para vários poetas na atualidade. A simulação luminosa do computador dá ao poema uma materialidade flexível, que convida à manipulação, ao ir e voltar, ao corrigir e alterar novamente (TOSIN, 2014, p.13).

Pessoalmente experimento tudo isso e, comecei, então, a nutrir ideias relacionadas à poesia e mídia nas práticas pedagógicas apesar de não possuir experiência em educação. Teorias como as de Duarte (2011) me fizeram refletir que a poesia precisa ser reconstruída nessas práticas. Para essa autora estamos vivendo em um mundo de hibridismos e mixologias e não há como escapar. Para muitos, isso significa o fim da literatura, mas para outros é o início de uma nova era, quando arte e tecnologia formam um novo conceito artístico (DUARTE, 2011). Incluo-me nesse último rol e acredito que urge desfazer o olhar desconfiado sobre a relação literatura e mídia e resgatar o humanismo que a poesia — uma das sétimas artes tradicionais— nos proporciona, mas que tem se esvaído perante as ideias consumistas e descartáveis de uma sociedade tecnológica. De certa forma, nessa nova era a poesia está sendo banalizada pelas facilidades e aproximações que a mídia oferece aos que a escrevem e leem. Pudera fosse assim também no campo educacional, mas nesse espaço ela ainda é marginalizada pelo classicismo. A

poesia precisa ser curtida e compartilhada; ser escrita, fotografada, filmada, narrada, desenhada, gamificada e muito mais nas práticas pedagógicas. A mídia oferece o suporte perfeito para que tudo isso aconteça.

Na reformulação do site eu quis evidenciar tudo isso, razão porque escolhi o tema Mídia e Poesia: trilhando caminhos pedagógicos para o site e para o TCC, tendo como base, a criação de um ensaio fotográfico com objetivos paradiáticos relacionados à leitura poética de imagens no sentido de despertar o olhar poético dos alunos. Ler imagens é ler o mundo e este está carente de olhares poéticos.

O vídeo, outro produto base do TCC, objetivou mostrar como a mídia digital e virtual tem revelado novas estruturas poéticas, enfatizando, através de exemplos, a poesia concreta, visual e audiovisual, possibilidades que, no espaço educacional, permitem recriar esse gênero. Acredito no poder estratégico e motivador da relação mídia e poesia nas práticas pedagógicas, pois, ambos são espaços abertos e por acreditar, tentei evidenciá-los nos produtos criados, cujo relatório segue.

## **RESULTADOS**

A descrição dos resultados dos produtos ensaio fotográfico e vídeo foi dividida em pré-produção, fase em que os produtos foram pensados e planejados; a produção, fase de captação e tratamento das imagens para o ensaio fotográfico, bem como a criação do roteiro, gravação e edição do vídeo, e, finalmente, a pós-produção, fase das ações realizadas depois de finalizados os produtos.

### **PRÉ-PRODUÇÃO**

A pré-produção dos produtos começou com a ideia do tema “mídia e poesia” na Oficina Magna do curso de Mídias na Educação, ganhando contornos concretos no retorno ao site para reformulá-lo e admiti a essência poética em tudo que criei.

Para o vídeo, um minidocumentário era a ideia inicial que fugiu do planejado em razão dos “nãos” recebidos de fontes pretendidas, o que me fez decidir por um trabalho comigo mesma e participações de dois familiares em dois clipes. A ideia era mostrar como a poesia pode ser metamorfoseada pela mídia.

Em minhas pesquisas pela Web admiti que a mídia faz a cabeça dos poetas, pois, eu mesma sou um desses poetas que encontraram nas mídias o seu lugar perfeito. Não é sem razão que Oliveira (2016) diz que “nas redes digitais, sobretudo



com os blogs, o Facebook e também o Twitter [...] a instituição literária se dilata e se reconfigura” (p.3). Quanto à poesia, a mídia permitiu-lhe designers e movimentos que transcendem palavras e métricas e foi isso que planejei nos clips com exemplos de poemas pescados na Web e também criados por mim especificamente para esse produto. E finalmente, planejei também a gravação da parte do vídeo em que eu ia aparecer. O local seria em minha casa mesmo, portanto viria dificuldades pela frente já que não era um estúdio próprio e nem acessórios necessários eu tinha.

Sobre o ensaio fotográfico, inicialmente tive dúvidas por não encontrar algo que se encaixasse em meus objetivos. Eu pretendia abordar a leitura poética de imagens, pois acredito que há carência poética nas leituras de mundo, algo que a tecnologia tem roubado, em razão da ideia do descartável e excesso de informações. Quando decidi - em minhas pesquisas - encontrei um artigo de Jr. Andrade. (2004-2005) que refletia o livro do fotógrafo Manoel de Barros “Ensaio fotográficos”, especificamente a relação da poesia do fotógrafo com o visual. Então não tive mais dúvidas e, inclusive comprei – via internet- o livro, para conhecer sua obra que se identifica com minha ideia. Preciso lembrar aqui algumas palavras de Jr.Andrade. (2004-2005, p.03) ao refletir um poema de, Manoel de Barros

a poesia aí nasce da observação de uma paisagem comum [...], capaz no entanto de provocar a inspiração poética, que não advém como uma iluminação e sim como uma iluminura [e] o verso que nasce da iluminura parece representar o olhar de um fotógrafo que enquadra a paisagem e vê a realidade como um desenho composto por linhas. Por isso, a imagem poética é a transgressão da imagem perfeita...

Justamente o que tencionei para o ensaio fotográfico, cujo tema traria o questionamento: onde está a poesia? Eu tinha o objetivo, mas não ideias para as imagens e cheguei a duvidar de meu olhar poético sobre as coisas.

Foi em uma visita a meu pai, na fazenda, em um depósito de coisas velhas que aconteceu o *insight*<sup>2</sup>, ao me esbarrar na velha roda de fiar algodão de minha mãe. Comecei então a fotografá-la, bem como todos os outros objetos de um tempo analógico. Lembrei-me do velho engenho de cana-de-açúcar e corri para fotografar suas ruínas a céu aberto, no lugar onde tantas vezes desempenhou sua função.

---

<sup>2</sup> "insight", Compreensão, percepção ou revelação repentina. Fonte: <https://www.priberam.pt/dlpo/insight>.

Para mim, era fácil lançar um olhar poético sobre aqueles objetos porque fizeram parte de mim, mas eu queria que os nascidos digitais também tivessem essa experiência partindo de seus olhares acostumados ao sofisticado mundo tecnológico. Eu queria criar essa possibilidade por acreditar, assim como o escritor, ensaísta e dramaturgo brasileiro Oswald de Andrade que “que a poesia é a descoberta das coisas que eu nunca vi” (ANDRADE, 1971).

## PRODUÇÃO

Com um rico material para o vídeo e o ensaio fotográfico, comecei a produção dos mesmos meio insegura, ainda mais em se tratando de mídia e poesia, duas interfaces tão opostas. Mas a verdade é que essa relação já existe há muito tempo e eu só precisava mostrar como é possível essa parceria nas práticas pedagógicas.

O primeiro produto criado foi o [ensaio fotográfico](#). Sua produção começou paralela à pré-produção, ou seja, a partir do momento que esbarrei na velha roda de fiar algodão de minha mãe e comecei a fotografar todo o arsenal analógico encontrado. Depois, ali mesmo, sentada na calçada do “velho museu” escolhi oito imagens e no próprio Smartphone Samsung Galaxy J7 Neo, já fui experimentando efeitos, filtros e cores para as imagens. Optei por imagens em preto e branco, por acreditar na intemporalidade dessa cor monocromática que facilita ler a essência, não permitida, às vezes, pelo excesso de cor. Tudo que eu precisava para meu suporte paradidático. Além disso, a lembrança de uma frase do fotógrafo Sebastião Salgado citado por Vieira (2014) em seu artigo reforçou minha escolha:

Não preciso do verde para mostrar árvores, nem do azul para mostrar o mar ou o céu. A cor pouco interessa na fotografia. [...] Com o preto e branco e todas as gamas de cinza posso me concentrar na densidade das pessoas, suas atitudes, seus olhares, sem que estes sejam parasitados pela cor. [...] quando contemplamos uma imagem em preto e branco, ela penetra em nós, nós a digerimos e, inconscientemente, a colorimos... (SALGADO e FRANCO, 2014. p.127-128 *apud* VIEIRA, 2014, p 4)

Ao comparar o tratamento de algumas imagens na figura 01 é possível perceber essa verdade. Portanto, para o objetivo pedagógico proposto a escolha foi mais do que certa.

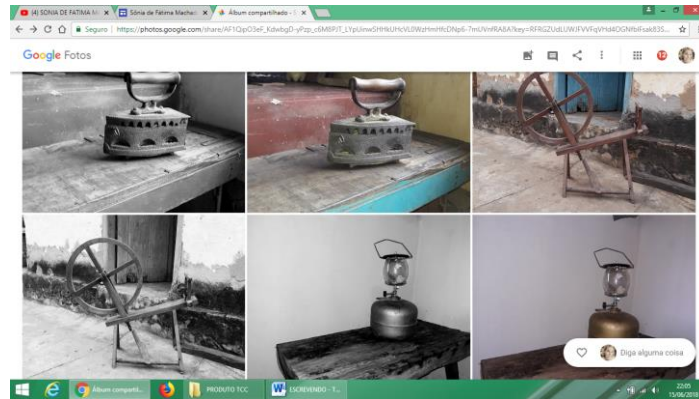


Figura 01: *print screen* tratamento de algumas imagens do ensaio fotográfico no google fotos. Fonte: autor.

Das imagens captadas, escolhi primeiro, a do velho engenho de cana-de-açúcar, que me custara uma hora de cliques no meio do pasto experimentando ângulos e luzes para evidenciar as velhas engrenagens cheias de histórias tantas dos invernos de minha infância.

A segunda imagem escolhida foi a antiga roda de fiar apesar de ter sido a responsável pelo meu *insight*. Também chamada de roca, era usada para fiar o algodão ou lã, transformando-os em fios para confecção de roupas e colchas, um trabalho que acontecia geralmente no inverno. Inclusive nessa roca, foi fiada a lã para as dez colchas de meu dote de casamento futuro. Tanta história merecia que eu a carregasse para aqui e para ali pelo terreiro buscando ângulos perfeitos.

Escolhi também dentre as imagens, a do antigo ferro de passar roupas, que, alimentado com brasa de madeira ou sabugo de milho, alisava as roupas através do seu aquecimento. Como companheiro de histórias mereceu seu lugar no ensaio.

A máquina de moer carnes entrou no rol das imagens escolhidas. Mereceu o destaque depois de trabalhar tanto moendo carnes de boi, porco, inclusive para grandes festas como o casamento de minha irmã em 1984 e nossa festa de Santos Reis em 1979. Mas já fez serviços leves como moer bananas, mamão, amendoim, para fazer doces e arroz, batata, mandioca, para bolinhos e croquetes.

Já tendo certa experiência nos ângulos, com apenas um clique captei a imagem do antigo e enorme tacho de ferro de minha mãe. Era um utensílio que possuía várias utilidades, desde fazer doces em grande quantidade, até cozer carnes e fazer sabão. Ajudante leal de minha mãe. Por isso o escolhi para o ensaio.

A sexta imagem escolhida teve dois destaques, não de propósito, mas porque estavam juntos e não quis mudar nada de lugar. Primeiro a peneira que minha mãe

usava para soprar o farelo de arroz depois de socá-lo no pilão. O segundo destaque é o balde, antigo chuveiro que funcionava com água esquentada no fogão de lenha e despejada dentro do mesmo. Sobraram-me líquidas e quentes lembranças.

Não poderia deixar de escolher a última de nossas lamparinas a querosene. Eu nem imaginava que ainda existisse, mas a encontrei escondida no meio de caixas e me demorei tentando evidenciá-la. Como dito, funcionava a querosene que alimentava o fogo em um pavio de cordão, iluminando nossas noites enquanto ouvíamos rádio ou jogávamos baralho: meus pais, eu e meus cinco irmãos.

E finalmente escolhi a última das imagens: o antigo lampião a gás. Depois da lamparina a querosene, com um pouco de evolução tivemos o lampião a gás e nossas noites ficaram mais claras. A tecnologia ia chegando aos poucos.

Todas as imagens custaram-me horas de escolhas e tratamento com relação a efeitos, filtros, tons. Tudo que a realidade tecnológica atual permite à imagem, não a descaracterizando, mas, talvez, evidenciando ainda mais sua essência e, fazendo deste ensaio fotográfico, um suporte paradidático com possibilidades de olhares poéticos criadores de poesias, contos, debates e muito mais.

Com relação ao vídeo, sua produção foi bem difícil por não ter lugar adequado para gravações e equipamentos próprios. O primeiro passo foi o tratamento do [roteiro](#), pois é ele que faz, digamos, o filme sair do papel. Aliás, isso é fato antigo e provém de Aristóteles, pois, foi com base na sua teoria “a forma é mais importante que a matéria” que se criou o roteiro, conforme lembra o artigo de Ritter (2016). Assim me esmerei no roteiro e segui minuciosamente cada etapa.

Comecei a produção do vídeo com a criação de uma introdução no aplicativo Power Point do Office 2010 porque tem a opção de salvar os slides como vídeo HD com todos os efeitos e transições. Entendo a importância dessa introdução, uma vez que é ela que leva o expectador para dentro do vídeo, se interessando ou entendendo o conteúdo. Já dizia William Zinsser citado por Sampa (2017, p.1), que “a frase mais importante de qualquer texto é a primeira”. E isso vale para tudo, por isso, me esmerei escolhendo transições, testando efeitos e às vezes inventando-os, como aconteceu com a tela onde as palavras mídia e poesia parecem se misturar umas às outras. Para a trilha sonora da entrada, bem como outras partes do vídeo, escolhi Sleep Away de Bob Cri, uma amostra de música oferecida pelo próprio Windows.

No aplicativo Power Point criei também os cliques com poemas pescados na Web e de minha autoria, com designers próprios e também imagens encontradas no Google, aos quais inseri temas de minha realidade, como a paixão de minha irmã por café e o vício de meu esposo pelo tabaco, porque minha ideia pedagógica é justamente criações estéticas e críticas baseadas em temas da realidade.

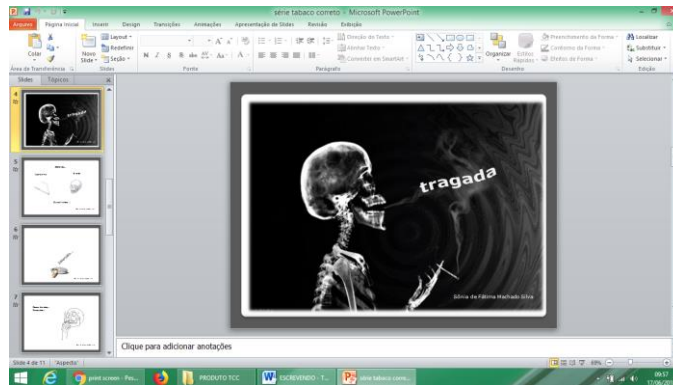


Figura 2: *print screen* de um dos slides no Power Point do clipe com tema tabaco. Fonte: autor.

No aplicativo Movie Maker, editei dois poemas audiovisuais criados e declamados por mim com imagens de minha irmã e meu esposo, únicas fontes que aceitaram serem parceiras nesse trabalho. E para evidenciar o *locus*<sup>3</sup> contemporâneo da poesia no mundo virtual, criei um clipe no Power Point com imagens de blogs e redes sociais evidenciando o consumo da poesia nas redes sociais e Internet. Segundo Almeida e Santos (2017, p.5) “a literatura e, por conseguinte, a poesia tem usado dessas táticas para alcançar novos públicos”.

Na criação de todo esse arsenal poético não pude deixar de refletir Resende e Domiciano (2014), para quem a poesia, “enquanto peça visual pode beneficiar-se dos mesmos elementos básicos de qualquer outro projeto de design em seu processo de criação e configuração” (p. 1). Elementos esses entendidos como: “ponto, linha, plano, ritmo, equilíbrio, escala, textura, cor, figura/fundo, enquadramento, hierarquia, camadas, transparência, tempo e movimento” (LUPTON, 2008 *apud* RESENDE E DOMICIANO, 2014), p.1). Para essas autoras todos esses elementos somados às possibilidades linguísticas, torna a poesia visual uma linguagem rica e cheia de significado.

<sup>3</sup> Locus é uma palavra do latim, que significa literalmente “lugar”, “posição” ou “local”

Finalmente chequei à parte mais difícil do vídeo que foi a gravação, sendo eu, ao mesmo tempo, ator, diretor e outras funções essenciais em audiovisuais. Isso deveria acontecer em apenas um dia em razão de cenário, figurino, essas coisas. O espaço de gravação foi em minha casa. Organizei um tripé improvisado para meu smartphone assim como um cenário bem simples com uma mesa, alguns livros e meu Notebook. Testei os ângulos, os enquadramentos, os planos e distância, o tempo das falas. Gravei também as falas de minha imagem em *Off*. Não foi fácil essa fase, pois não era um estúdio próprio e repeti várias vezes as gravações prejudicadas pelos ruídos da rua. Perdi, inclusive, a gravação de um dia.

Para a parte dos créditos finais, optei por gravar apenas com a luz da tela do Notebook. Na cena eu declamaria um poema de Florbela Espanca, mais uma vez evidenciando a poesia audiovisual, enquanto subiriam os créditos. Considero perfeito o efeito dramático das imagens escuras e das sombras e o fotógrafo e cineasta Walter Carvalho reforçou minha ideia, ao lembrar-me de suas teorias sobre a luz na fotografia: “a imagem não pode se revelar por completo, há que se criar algum mistério...” (CARVALHO, 2015). Eu consegui gravar esse mistério.

Finalmente fiz as edições de cortes no próprio smartphone e criei um efeito de vídeo sobre vídeo no aplicativo Média Stúdio. A edição final do vídeo foi feita no aplicativo Movie Maker, seguindo as etapas do roteiro conforme a figura 3.

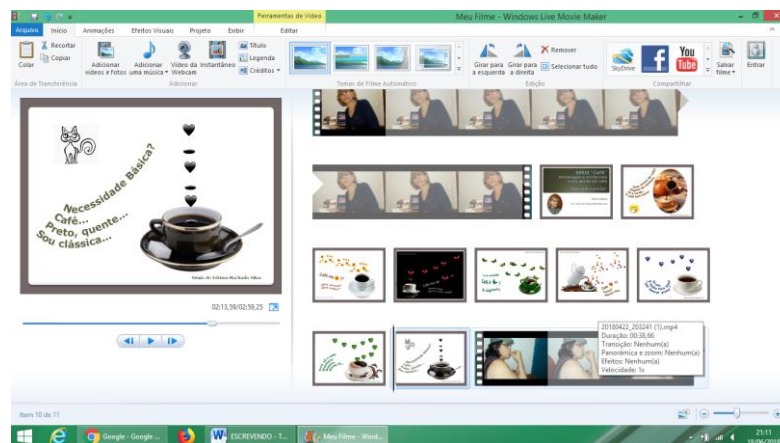


Figura 3: *print screen* processo edição final do vídeo no Movie Maker. Fonte: autor.

Depois do [vídeo](#) pronto e testado, ajustei o áudio em um [site](#) específico e só então fiz o upload do mesmo em meu canal do Youtube, cujo link seria compartilhado no site do curso Mídias na Educação.

## **PÓS-PRODUÇÃO**

Após as fases da pré- produção e produção de meus produtos, inseri o link dos mesmos em meu site em uma aba específica para cada produto: o vídeo, onde abordei através de exemplos, a relação mídia e poesia destacando designers visuais concretos e audiovisuais, enfatizando possibilidades pedagógicas; o ensaio fotográfico com imagens de objetos de usos cotidianos de um tempo considerado analógico que, como suporte paradidático, objetivou desfocar o olhar poético sobre as coisas. Dessa forma, obtive o material necessário para esse relatório.

## **DISCUSSÃO**

### **PONTOS NEGATIVOS**

Na criação desses dois produtos, os pontos negativos recaíram sobre o vídeo, pois o resultado não foi exatamente o que pretendi como minidocumentário. Eu tencionava entrevistar algum professor e também descobrir como anda a relação mídia e poesia nas escolas. Mas não tive aproximação e atitude suficiente com as fontes. Desisti diante dos tantos não e fiz um trabalho comigo mesma baseada em pesquisas na Internet e minha própria experiência poética nos meios midiáticos, o que resultou em um produto muito pessoal e romanesco e, se junta, ainda, a tudo isso, o fato de não ter experiência pedagógica. Somaram-se a isso também, questões de falta de acessórios e lugar adequado para gravar. Apesar de tudo, a ideia inicial continua e, certamente, um dia poderá ser concretizada.

### **PONTOS POSITIVOS**

Apesar dos pontos negativos citados, considereei positivo todo meu trabalho, mas, o ponto mais positivo foi certamente as descobertas tantas, as surpresas e as possibilidades que a mídia oferece. Se junta a isso, todo o aprendizado construído no processo de criação, inclusive, o aprendizado adquirido com os erros que só me fez crescer e buscar mais formas de melhorar, porque não acredito no absoluto, ainda mais quando se trata de mídias e poesia e, em jogo, um trilhar de caminhos pedagógicos.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao concluir esse relatório percebo como o processo de criação do site e dos produtos permitiu aliar todo o conhecimento teórico e prático adquirido nesse curso de Mídias. Foi uma oportunidade única. Interessante dizer isso, mas sinto que uma espécie de véu se rasgou. Reconheci— migrante digital que sou— como a mídia realmente nos envolve, como faz a nossa cabeça e, então fica mais fácil compreender os nascidos digitais, a sua paixão fanática pelas mídias. O problema é que a paixão nem sempre é reflexiva e, aqui entra a responsabilidade pedagógica na construção de cidadãos capazes de lidar com o mundo midiático de forma crítica.

Quero frisar que a escolha do tema “mídia e poesia: trilhando caminhos pedagógicos”, foi um ato de responsabilidade pedagógica, uma tentativa de desfocar o olhar no ensino de poesia. Eu tentei defender essa questão durante todo o curso e, em especial nesses produtos. Acredito que alcancei o objetivo ao delinear caminhos possíveis. A relação mídia e poesia é certamente, uma quebra de paradigma e minha esperança é que os produtos desenvolvidos possam servir como suportes enriquecedores de práticas pedagógicas. Sinto que isso é possível porque, como já frisei antes, tanto a mídia quanto a poesia são caminhos abertos.

Resumindo, o processo de criação do [site](#), do [vídeo](#) e do [ensaio fotográfico](#), resume, certamente, todo meu aprendizado no Curso de Especialização em Mídias na Educação. Eu diria que foi o *gran finale*<sup>4</sup> de tudo que foi vivenciado e aprendido. Nesses produtos - base do TCC - acredito que coloquei um pouco de tudo que a mídia oferece e que aprendi no curso. Coloquei, inclusive, meus próprios sonhos pedagógicos. Digo sonhos por não possuir, ainda, experiência pedagógica, o que não me impede de criar projetos futuros, que confesso, estão ligados à poesia, porque sinto que ela precisa ser recriada nos ambientes escolares, despindo-se do classicismo e vestindo a roupagem nova oferecida pela mídia. Pensemos, portanto: *a mídia faz a cabeça, a poesia cuida do resto.*

---

<sup>4</sup> *gran finale* ou *grand finale*: grande final. Disponível em: <https://www.linguee.com/portugues/traducao/grand+finale.html>



## REFERÊNCIA

ALMEIDA, Marialda de Jesus; SANTOS, Rita De Cássia Donato. Poesia contemporânea nas redes sociais virtuais: a participação do ciberconsumidor na difusão da marca “Eu me chamo Antônio”. ARTIGOS LIVRES. PARÁGRAFO. JUL/DEZ. 2017 V.5, N.2 (2017) - ISSN: 2317-4919. Disponível em: <http://revistaseletronicas.fiamfaam.br/index.php/recicofi/article/view/584/527>. Acesso em 30 Maio 2018.

ACADEMIA INTERNACIONAL DE CINEMA (AIC). Workshop com Walter Carvalho - Linguagem da Fotografia. 24 de jul de 2015. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=6sL2qvplg3Q&t=96s>. Acesso em 22 abril e 14 junho 2018.

ANDRADE, O. FRASES. In. **Poesias reunidas**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1971. Disponível em: <https://www.pensador.com/frase/MTY4OTYwNw/>. Acesso em 30 Maio 2018.

DUARTE, Elaine Cristina Carvalho Duarte. Literatura em meio digital: um olhar sobre os novos perfis literários. XII Congresso Internacional da ABRALIC. Centro, Centros – Ética, Estética. 18 a 22 de julho de 2011. UFPR – Curitiba, Brasil. Disponível em: <http://www.abralic.org.br/eventos/cong2011/AnaisOnline/resumos/TC0258-1.pdf>. Acesso em 26 Maio 2018.

GRAN FINALE. Dicionário inglês-português Linguee. Disponível em: <https://www.linguee.com/ingles-portugues/traducao/grand+finale.html>. Acesso em 17 junho 2018.

INSIGHT. Dicionário online Priberam da Língua Portuguesa [em linha], 2008-2013. Disponível em: <https://www.priberam.pt/dlpo/insight>. Acesso em 17 Junho 2018.

JR ANDRADE, Antonio Francisco de. Com olhos de ver: poesia e fotografia em Manoel de Barros. Cadernos de Letras da UFF – PIBIC – GLC, nos 30-31, 2004-2005. Disponível em: <http://www.uff.br/cadernosdeletrasuff/30-31/artigo4.pdf>. Acesso em 14 junho 2018.

LOCUS. Dicionário SIGNIFICADOS Expressões em Latim. Disponível em: <https://www.significados.com.br/locus/>. Acesso em 17 Junho 2018.

LUPTON, Ellen; PHILLIPS, Jennifer Cole. **Novos Fundamentos do design**. São Paulo: Cosac Naify, 2008.

OLIVEIRA, Sayonara Amaral de. Sobre vivências poéticas no campo da mídia digital. Estudos de literatura brasileira contemporânea, n. 47, p. 49-70, jan./jun. 2016.

Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/elbc/n47/2316-4018-elbc-47-00049.pdf>. Acesso em 13 Junho 2018.

REZENDE, Amanda Tharen Marcondes; DOMICIANO, Cassia Leticia Carrara. POESIA VISUAL E DESIGN GRÁFICO: conexões. 11º P&D DESIGN. Congresso Brasileiro de Pesquisa e Desenvolvimento em Design. Gramado – RS. 29 de setembro a 2 de outubro de 2014. Disponível em: [http://www.ufrgs.br/ped2014/trabalhos/trabalhos/1070\\_arq2.pdf](http://www.ufrgs.br/ped2014/trabalhos/trabalhos/1070_arq2.pdf). Acesso em 13 junho 2018

RITTER, Alan Christian. A importância do roteiro. In.: Cinema e Café. Disponível em: <https://cinemaecafe.wordpress.com/2016/10/17/a-importancia-do-roteiro/>. Acesso em 15 junho 2018.

SALGADO, Sebastião, FRANCO, Isabelle. **Da minha terra a Terra**; tradução Julia da Rosa Simões – 1. Ed. São Paulo: Paralela, 2014.

SAMBATECH. “Amor à primeira vista”: Como conquistar audiência nos primeiros segundos. Em Insights. In.: Blog da Samba. 15 fevereiro, 2017. Disponível em: <https://sambatech.com/blog/insights/introducao-de-video/>. Acesso em 16 Junho 2018.

SENA, Demétrio. Midievais. In.: Recanto das Letras>Textos> Frases. 2009. Código T1536683. Disponível em: <https://www.recantodasletras.com.br/frases/1536683>. Acesso em 21 jun 2018.

SILVA, Sônia de Fátima Machado. **A formação do sujeito-leitor e a contribuição do professor**. 2010. 72 f. Trabalho de conclusão de Curso (Graduação em Pedagogia). Faculdade de Educação, Universidade Federal de Juiz de Fora. Juiz de Fora, 2010.

TOSIN, Giuliano. A Transcrição de Poesia Através de Diferentes Mídias no Brasil. Millenium, 46-A. Número Especial temático sobre Literatura. (novembro de 2014). Pp. 49-66. Disponível em: <http://www.ipv.pt/millenium/Millenium46a/5.pdf>. Acesso em 26 maio 2018.

VIEIRA, César Bastos de Matos. Fotografia como documento e arte. Há como servir a dois senhores? XII Encontro Estadual de História Anpuh/RS. 11 a 14.08.2014. Universidade do Vale do Rio dos Sinos- INISINOS- São Leopoldo/RS. Disponível em: [http://www.eeh2014.anpuh-rs.org.br/resources/anais/30/1405438888\\_ARQUIVO\\_Fotografiacomodocumentoearte\\_Textocompleto\\_CesarVieira\\_Final.pdf](http://www.eeh2014.anpuh-rs.org.br/resources/anais/30/1405438888_ARQUIVO_Fotografiacomodocumentoearte_Textocompleto_CesarVieira_Final.pdf). Acesso em 10 junho 2018.

WIKIPÉDIA. Glioblastoma multiforme. In.: Wikipédia, a enciclopédia livre. Disponível em: [https://pt.wikipedia.org/wiki/Glioblastoma\\_multiforme](https://pt.wikipedia.org/wiki/Glioblastoma_multiforme). Acesso em 21 junho 2018.